

A VISÃO SOCIOLÓGICA DE PIERRE BOURDIEU SOBRE O ESPORTE

THE SOCIOLOGICAL VISION OF PIERRE BOURDIEU ON SPORT

Gentil Soares de Lima¹
Roberto Ferreira Niero²

LIMA, G. S.; NIERO, R. F. A visão sociológica de pierre bourdieu sobre o esporte. **Akrópolis** Umuarama, v. 19, n. 2, p. 125-134, abr./jun. 2011.

RESUMO: Considerando a diversidade teórica que envolve a temática relativa ao esporte, o presente artigo tem como objetivo estudar a perspectiva sociológica do esporte de Bourdieu. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica por intermédio da leitura, análise e fichamento de livros, periódicos e banco de dados relacionados ao assunto em pauta. Concluiu-se que a leitura de contextos tão diferenciados, como o relativo à invenção e o das organizações esportivas de massa, resultou em reinterpretções de significados, especialmente, o da ascensão social propiciada pelo esporte, que originalmente foi entendido como uma categoria de pertencimento de classe. Na visão do estilo de vida, entendida por Bourdieu como *habitus*, observa-se as modificações dos significados e das funções sociais que classes diferenciadas oferecem ao esporte, uma vez que com base nesse entendimento, tem-se que as práticas distintas, em cada classe, denotam alterações na percepção e julgamento dos lucros imediatos e futuros advindos. Tais alterações estão relacionadas não somente às variações dos fatores que viabilizam ou impossibilitam ostentar seus custos econômicos e/ou culturais, criando-se, nessa perspectiva, um contíguo de propriedades dos esportes populares, ou seja, um contíguo de valores considerados inadequados às práticas particulares. Portanto, em resumo, a lógica propiciada pelo tipo de analogia com o corpo que a prática oferece ou determina, admite refletir sobre o Esporte a partir de uma concepção moderna que, diga-se de passagem, é o norte definido por Bourdieu em seus registros, ao retratar um percurso metodológico profícuo, embora exija atenção, mormente, ao considerar o seu modelo sociológico de reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Visão Sociológica; Bourdieu.

ABSTRACT: Considering the theoretical diversity that involves the thematic on the sport, the present article has as objective to study the sociological perspective of the sport of Bourdieu. So, it was opted to a bibliographical research through reading, analysis and to list of books, periodic and data base related to the subject in guideline. It was concluded that the reading of contexts so differentiated, such as on the invention and the sportive organizations of mass, resulted in new interpretations of meanings, especially, of the social ascension propiated by the sport, that originally was understood as a category of membership class. In the vision of the style of life, understood for Bourdieu as *habitus*, it was possible to observe the modifications of the meanings and the social functions that differentiated class offer the sport, and on basis of this agreement, the practical, in each class, denote alterations in the perception and judgment of the immediate profits and future. Such alterations are related not only to the variations of the factors that they make possible or they disable to exhibit its economic and/

¹Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR.
E-mail: gentillima@unipar.br

²Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR.
E-mail: robertoferreira@unipar.br

or cultural costs, creating itself, in this perspective, a contiguous of properties of the popular sports, that is, a contiguous of values considered inadequate to the particular practice. Therefore, in summary, the logic propitiated for the type of analogy with the body that the practical offers or determines, admits to reflect on the Sport from a modern conception that, by the way, it is the way defined for Bourdieu in his registers, when portraying a methodological passage beneficial, even so demands attention, mainly, when considering his sociological model of reflection.

KEYWORDS: Sport; Sociological vision; Bourdieu.

INTRODUÇÃO

As mídias, sobretudo, a televisiva tem desempenhado nas últimas duas décadas, um direcionamento determinante relativo às certas tendências no contexto cultural corporal de movimento, com relevantes contribuições para a Educação Física. A cultura corporal de movimento na contemporaneidade ampliou-se e as práticas como ginástica aeróbica, *tai-chi*, musculação, *wind-surf*, hidroginástica, *skate*, capoeira, *street dance*, dança-afro, *rappel*, entre outras se multiplicaram.

Nesse contexto, a designação “esporte”, sob a promoção das mídias, passou a nomear essa variedade de práticas, já não atendem mais aos critérios clássicos da Sociologia do Esporte, uma vez que o esporte tem sido entendido como uma forma de competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde, entre outros. É comum definir o esporte como uma prática que envolve prazer, bem-estar, aventura, desafio, natureza, diversão. Deste modo, a Sociologia do Esporte foi subvertida, com a ampliação do significado da palavra “esporte”.

O problema conceitual acerca dos esportes, tanto no que diz respeito às suas novas adjetivações ou nas definições sociais e academicamente constituídas, revelam que esta discussão ainda é escassa. Tal incompletude, torna-se ainda mais presente, ao se referir às práticas esportivas surgidas na contemporaneidade, como os esportes de aventura, na qual as ciências sociais ainda não designaram tempo e esforço suficientes para sua compreensão. Soma-se a isso, o modo eminentemente polissêmico essencial ao próprio conceito de esporte.

A procura por atividades esportivas diferenciadas e a analogia com o próprio corpo, percebidas como dimensões privilegiadas do *habitus* como defende Bourdieu (1983), por exemplo,

são processos decisivos para a diferenciação de práticas esportivas. É possível observar nos enunciados de Bourdieu que em meio a uma mesma classe, distinguida por todo um orbe de estilos de vida, fragmentos que podem ser delimitados com os mesmos códigos de referência.

Assim, a partir da diversidade teórica que envolve a temática relativa ao esporte, o presente artigo tem como objetivo estudar a perspectiva sociológica do esporte de Bourdieu. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica por meio de leitura, análise e fichamento de livros, periódicos e banco de dados relacionados ao assunto em pauta.

Portanto, primeiramente, tecem-se considerações sobre o esporte, visualizando o conceito de vários autores a respeito do assunto para, posteriormente, conceber as idéias de Pierre Bourdieu que utilizadas em diferentes domínios do conhecimento, ilustram possibilidades interpretativas assaz convenientes para a leitura dos esportes modernos. A vasta utilização dos registros do autor nos ambientes acadêmicos internacionais denota a relevância do modelo teórico e a necessidade sempre presente de discussões aprofundadas.

A SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Do Esporte

Ao “conjunto dos exercícios físicos praticados como método, individualmente ou em equipe”, Ferreira (2001, p. 313) dá o nome de desporto, desporto, esporte. Bracht (2003, p. 14) conceitua esporte com a afirmação de “uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo”. Por sua vez, Santin (1987, p. 36) evidencia que “todo movimento humano é, de alguma maneira, competitivo na medida em que ele se desencadeia como um exercício de superação de resistência, pois ele se coloca como uma busca de equilíbrio, de harmonia, de beleza”. Para o autor, a competitividade não deve ser compreendida como competição na expressão de superioridade, uma vez que o movimento implica sempre na aproximação visando à superação de distâncias e obstáculos, reconhecidamente físicos ou psíquicos.

De acordo com Gaya; Torres (2008), os gregos foram os inventores do esporte, inventando-o à luz de princípios, valores e finalidades de divinização do homem e da humanização da

vida, em nome de uma filosofia da harmonia do corpo e da alma. “Inventaram-no como uma prática e um símbolo de homens livres que transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada do Olimpo” (GAYA; TORRES, 2004, p. 60). Os autores evidenciam que o esporte surgiu no contexto da civilização e da cultura, trazendo a paz e celebrando a beleza.

Referindo-nos especificamente aos gregos antigos, Vanayeke (1992, p. 15) destaca que eles avaliavam o exercício físico como um elemento de conservação da saúde e/ou de reencontrá-la. “Apaixonados pelos jogos e pelos concursos, eles inventaram os enfrentamentos competitivos do estádio para satisfazer seus gostos de luta e de rivalidade. Na época clássica, o esporte se tornou um meio para adquirir a beleza e a força”.

É possível compreender que entre os gregos, o esporte é entendido como um indicativo de modelos de sociabilidade, uma vez que o mesmo, conforme Genovez (1998, p. 10-11), “também favorece o estudo das ações humanas em grupo, tendo em vista que o processo do jogo é exatamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura”.

Na história dos esportes, pode-se evidenciar momentos em que os mesmos foram percebidos como instrumentos de disciplina para os jovens, responsáveis, portanto, pela construção do conceito de cidadania tranvestida pelo espírito nacionalista e pelo civismo, elementos estes que, de acordo com Marchi Junior (2004, p. 24), constituíram-se na “dispersão do movimento estudantil, elitizadores e selecionadores de determinada parcela da população que preenchia os requisitos de *performance* física em detrimento da capacidade intelectual e, finalmente, uma mercadoria”. No entendimento do autor, o esporte pode cogitar as inter-relações da estrutura econômica, política e ideológica da sociedade capitalista.

O esporte no sistema capitalista passou a ser conduzido pelo desempenho, pela lógica da vitória a qualquer preço, por um caráter mercantilista. De acordo com Steiner; Foucault (2006, p. 93), “o esporte seria uma mercadoria como qualquer outra e os esportistas seriam produtos a ser consumidos por um mercado ávido de bons negócios. O esporte-competição seria matéria-prima do esporte-espetáculo e seu

panteão de mitos e heróis”.

Assim, problemas e confusões a respeito do conceito de esporte são recorrentes nas abordagens sociológicas, que de acordo com Bento (2007), tais problemas podem ser dedicados, ao esporte hodierno no contexto das ciências sociais, que passara a incidir ao final da década de 1950, momento no qual o esporte passou a se configurar num objeto de reflexão importante no que diz respeito às ciências sociais.

Como o esporte em sentido restrito é a forma hegemônica da cultura corporal de movimento contemporânea é, portanto, muito popular em vários grupos sociais. Merece destaque o fato de que numa sociedade que se projeta como pós-industrial ou pós-moderna, em que os seres humanos convivem com uma diversidade de motivos, de sentidos, finalidades, ideologias, e concepções de existência, também o esporte assume uma nova configuração como exposto por Bento (2007, p. 21):

Se antes (o esporte) era uma atividade quase exclusivamente orientada e estruturada para o alto rendimento e a competição organizada, para a afirmação dos estereótipos da juventude forte e saudável, da virilidade e masculinidade, o esporte passou progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados de condição física e sócio-cultural. Expandiu-se e conquistou novas terras, ou seja, à vocação original da excelência e do alto-rendimento adicionou a instrumentalização ao serviço das mais distintas finalidades: saúde, recreação e lazer, aptidão, estética, reabilitação e inclusão.

Observa-se que o esporte vem sendo trabalhado como um âmbito de estudo e pesquisas relativamente independente, mesmo estando atrelada às questões de ordem política e econômica, haja vista que se tem a ideia frequente de que as práticas esportivas têm seu tempo, crises e mecanismos próprios de funcionamento, constituindo-se numa dinâmica própria, num quadro que não é característico das sociedades contemporâneas.

Betti (2001) aponta que a ampliação de sentido dado ao termo “esporte”, é também fruto da acedência do esporte profissional, assim como de outras formas de cultura esportiva, evidenciada pelas mídias e/ou grandes corporações econômicas. De acordo com Eicheberg (1995), o esporte de elite que há bastante tempo conce-

be o topo da pirâmide esportiva, vem sofrendo modificações, no que diz respeito à produção de resultados particulares. Atualmente, são as qualidades visuais do esporte que concentram a atenção da mídia televisiva.

O esporte hoje é um campo de atuação de profissionais de *marketing*, empresários, executivos das grandes redes de televisão. Por conseguinte, observa-se um distanciamento cada vez mais visível da forma que já foi continuamente entendida como evidenciado por Betti (1998) como “esporte de alto nível”, “esporte de alto rendimento”, “esporte espetáculo” e/ou “esporte telespetáculo”, do esporte praticado em busca de valores associados ao lazer, educação e promoção da saúde.

“A concepção esportiva, tendo como base fundamental a concepção da hierarquia física consagrada, determina uma instituição esportiva hierarquizada. Um primeiro tipo de hierarquia é a hierarquia das modalidades” (CAVALCANTI, 1984, p. 44). Para esta autora, não é difícil desvendar relações entre a prática esportiva e a estratificação social.

De acordo com Rial (1998, p. 242), o esporte constitui-se numa prática que “proporciona a descarga de energia libidinal constringida por um processo civilizatório, é uma atividade substitutiva para a guerra, diverte, dá prazer, ensina obediência a regras, fortalece e disciplina o corpo, serve para construir identidades pessoais, locais ou nacionais, etc.”.

Por sua vez, Guedes (1995) entende o esporte como um sistema ordenado de práticas corporais de relativa complexidade que envolve atividades de competição institucionalmente regulamentada, que se fundamenta na superação de competidores ou de marcas/resultados anteriores estabelecidos pelo próprio esportista.

Um dado relevante diz respeito ao simbolismo presente no esporte. Desse modo, na visão de Krawczyk (1996 apud BETTI, 2006), o esporte pode ser avaliado sob uma perspectiva semiótica, para a qual o indivíduo se liga ao mundo, por meio de signos e símbolos. Com base nesse entendimento, pode-se dizer que a significação do esporte hodierno revela o desejo da sociedade industrial em competir, alcançar a perfeição, a fama individual e a riqueza, satisfazendo o desejo de uma acelerada mobilidade social, de sobrepujar barreiras biológicas e culturais, abolindo as desigualdades étnicas, de gênero e raciais.

O esporte, segundo Marcellino (2001), como potências simbólicas celebram o culto da *performance* e valorizam o gosto da aventura, o que possibilita um estudo segundo abordagens de símbolos, de mitos e de representações. As práticas esportivas, enquanto práticas culturais, exigem quadros espaciais de exercícios os mais diversos, investindo de sentidos cada um desses ambientes.

No entendimento de Bourdieu (2004), o esporte consiste numa atividade única, diferenciada da atividade física por si só ou ainda do jogo. Para o autor, o esporte é considerado uma prática com *habitus* específico, porquanto, regulamentada institucionalizada, formalizada, especializada e competitiva, sendo cada vez mais profissionalizada. Tais considerações abrem caminho para o que se tenciona expor a seguir que é a reflexão sobre a sociologia do esporte na visão de Bourdieu.

O Esporte numa Visão Sociológica

Ao tratar da sociologia do esporte, é importante considerar que apenas recentemente o esporte tornou-se objeto de estudo das diversas áreas do conhecimento, sobretudo, da sociologia. A respeito disso, Elias; Dunning (1992, p. 12) comentam que:

[...] a sociologia do desporto enquanto área de especialização é recente, embora tenha sido efetuada uma tentativa para lhe atribuir uma ancestralidade respeitável, através de referência às observações feitas por sociólogos “clássicos” como Weber. O seu crescimento foi considerável, em especial, nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha Ocidental, desde os primeiros anos da década de 60.

Na atualidade, considera-se que embora a situação não tenha mudado de maneira radical, é possível constatar avanços consideráveis. Autores renomados, dentre eles Bourdieu possibilitaram o avanço mencionado. Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, na visão de Bourdieu (1990, p. 208) é preciso:

[...] primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que

seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Este pode ser construído a partir de conjuntos de indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc., ou, de outro lado, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só o autorize por bola interposta, com o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima. Em seguida, é preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele. Isso a fim de evitar os erros ligados ao estabelecimento de uma relação direta entre um esporte e um grupo que a intuição comum sugere.

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, Bourdieu (1983) sugere que é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte independentemente do campo esportivo, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Depois, é necessário relacionar esse espaço de esportes com o espaço social. Assim, o sociólogo estabelece as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada classe social. A prioridade é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas, como primeiro ponto. O segundo ponto é que esse espaço dos esportes não é um campo fechado. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles mesmos, estruturados e constituídos como sistema.

Na visão proposta por Bourdieu (1990, p. 210) é necessário considerar dois pontos que no entendimento do autor são relevantes para a construção sociológica de um determinado objeto de pesquisa, a saber:

O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser

a partir de um conhecimento da estrutura). Eis o primeiro ponto. O segundo ponto é que esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não aplicam só a ele (BOURDIEU, 1990, p. 210).

Isto posto, depreende-se que a atividade primeira do pesquisador consiste em estabelecer propriedades socialmente pertinentes, tornando o esporte uma prática na qual exista afinidades concernentes aos interesses, gostos e costumes de uma dada categoria social, ou seja, as condições determinantes para que um *habitus* possa se constituir.

O *habitus* é entendido como uma matriz causadora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se alia aos indivíduos, (ao mesmo tempo em que se desenvolve nestes), seja no nível das práticas, seja no nível da postura corporal (*hexis*) destes mesmos indivíduos. Nesse sentido, o *habitus* é apreendido e gerado na sociedade e incorporado nos indivíduos. O *habitus* é um amplo organizador de hábitos, dando sentido às ações quando humanas em sociedade (BOURDIEU, 1983).

O conceito de *habitus* que o autor desenvolve ao longo da sua obra diz respeito a uma matriz, motivada por uma posição social de um indivíduo que lhe consenti pensar, ver e agir nas mais diferentes circunstâncias. Assim, o *habitus* exprime estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos, constituindo-se, assim, num meio de ação que admite instituir ou desenvolver estratégias individuais e/ou coletivas.

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim. Há toda uma reeducação a ser feita para escapar à alternativa entre finalismo ingênuo [...] e a explicação do tipo mecanicista (que tornaria esta transformação por um efeito direto e simples de determinações sociais). Quando basta deixar o *habitus* funcionar para obe-

decer à necessidade imanente do campo, e satisfazer às exigências inscritas (o que em todo campo constitui a própria definição de excelência, sem que as pessoas tenham absolutamente consciência de estarem se sacrificando por um dever e menos ainda o de procurarem a maximização do lucro específico). Eles têm assim, o lucro suplementar de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados (BOURDIEU, 1983, p. 94).

A problemática de Bourdieu é fundada no cerne de dois conceitos fundamentais que articulam toda a sua produção sociológica, a saber: os conceitos de campo e *habitus*. Pode-se dizer que a analogia presente no conceito de “campo” e na ideia de mercado faz supor uma adequação dessa ideia ao esporte. Na concepção tratada por Bourdieu (1983, p. 89), os campos são definidos como “espaços de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.

Na visão de Bourdieu (2001), o campo incide no espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais. Tal espaço é sempre ativo e com uma dinâmica que satisfaz a leis próprias, animada cotidianamente pelas disputas advindas em seu interior, e cujo móvel é o interesse constante do indivíduo em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes (seja no nível dos agentes, seja no nível das estruturas).

Um campo se delimita, entre outras razões, dada à definição dos objetos de disputas e/ou de interesses determinados do próprio campo. Tais objetos e interesses são apreendidos somente por indivíduos que possuam uma formação adequada para adentrarem no campo. Para que um campo trabalhe no sentido de atingir os objetivos propostos pelos indivíduos, segundo Bourdieu (1983, p. 89) “é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.”.

Apoiado em Bourdieu (1983) pode-se entender um campo como um espaço social de disputas por um determinado poder específico,

entre estruturas e agentes e entre estes dentre si, produtores e/ou consumidores, com similares interesses, disposições e *habitus*, respeitando regras específicas, que norteiam as ações de cada um.

Os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros (CHARTIER; LOPES, 2002, p. 140).

O juízo do pensamento relacional consente rejeitar a ideia do indivíduo separado, do gênio particular e, assim como da ideia de uma universalidade das categorias que prontamente é utilizada para pensar, discutir e caracterizar as obras intelectuais ou estéticas. Na perspectiva proposta por Bourdieu (1983), a existência do *habitus* é considerada como uma condição necessária de existência de um determinado campo e produto de seu funcionamento dentro de uma estrutura específica, porquanto:

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico (BOURDIEU, 1983, p. 90).

Dentro dessa relação de força, os agentes que detêm o capital específico³ têm a tendência de utilizar meios que visam à manutenção de uma ordem estabelecida, comumente, com intolerância no que se refere às mudanças no estalão. Os agentes que detêm menor capital, contrariamente, tendem a utilizar meios de subversão e rompimento com o estalão, perfazendo certos limites.

Para Bourdieu (1983, p. 91):

³Falar de capital específico é dizer que o capital vale em relação a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outras espécies de capital sob certas condições (BOURDIEU, 1983, p. 90).

[...] um dos fatores que coloca os diferentes jogos ao abrigo das revoluções totais, cuja natureza destrói não apenas os dominantes e a dominação, mas o próprio jogo, é precisamente a própria importância do investimento, em tempo, em esforços, etc., que supõe a entrada no jogo e que, como as provas dos ritos de passagem, contribui para tornar praticamente impensável a destruição pura e simples de jogo.

A capacidade de acumulação de capitais é que define qual a posição do indivíduo dentro do campo (BOURDIEU, 1983). Assim, os capitais ajudam na construção do *habitus*, e este, por sua vez, dá condições de inserção e/ou entendimento do funcionamento do campo. Como apontamento de seus traços mais essenciais, é importante mencionar a substancial definição que Bourdieu (1983, p. 89) expõe da seguinte forma:

[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...]. Há *leis gerais dos campos*: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes.

Isto posto, um campo é um espaço social no qual os partícipes se reúnem em relações mútuas no decurso de suas atividades. Segundo Bourdieu (1983), campos muito distintos entre si – como o da política, o da religião etc. – oferecem propriedades comuns que admitem a possibilidade de comentar em leis características deles. Assim, quanto ao ganho cognitivo que a teoria dos campos oferece, pode ser entendido como uma tentativa de mostrar que no lugar onde se pensava a presença de indivíduo livre, capaz de agir conforme a sua vontade mais imediata, observa-se um espaço de forças estruturado que acomoda a capacidade de ação e de decisão de quem dele participa.

Com base em tais enunciados, a teoria de Bourdieu (1983) evidencia as possibilidades diferenciadas para o entendimento do campo esportivo. Uma dessas viabilidades está atrelada à autonomia que o campo apresenta. Ao se referir sobre a história do esporte, o autor afirma que não é possível compreender, porquanto:

[...] diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Nesse contexto, uma história, com a do voleibol, por exemplo, torna-se uma história singular, ocorrida num período próprio e com uma realidade específica irreduzível quando comparada a qualquer outra realidade, embora, em dado momento, articulada a uma cadeia de acontecimentos similares. É essa particularidade que coloca a existência de um dado momento, no qual uma determinada modalidade torna-se um esporte.

Tal constatação é relevante para a construção de um conceito muito importante, destacado por Bourdieu (1983), que diz respeito ao conceito de esporte moderno. O cenário hodierno aponta a entrada de um esporte exercitado em ciclos sociais limitados, otimizados pelo axioma do amadorismo, para uma prática do esporte espetacularizado, com uma cultura profissional, destinada ao consumo de massas. É importante destacar que a trajetória existente, desde a origem do esporte nas instituições de “elite” inglesas, até as organizações esportivas de massa, sugere o autor, tem sido seguida por mudanças de função conferidas à prática, bem como de transformações que sejam adequadas às cobranças e expectativas do público dos espetáculos esportivos.

Na perspectiva apontada por Bourdieu (1983, p. 147) entende-se que “a concorrência entre as organizações é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de uma necessidade social, isto é, socialmente constituída, das práticas esportivas e dos equipamentos, instrumentos, pessoa e serviços correlativos”. É por isso que Bourdieu (1983, p. 147-148) parte da seguinte compreensão, ao se referir ao campo de interesses e valores de uma determinada classe:

Tudo sugere que os “interesses” e valores que os praticantes saídos das classes populares

e médias trazem consigo para o exercício do esporte se harmonizam com as exigências correlativas da profissionalização (que pode, evidentemente, coincidir com as aparências do amadorismo), tanto da racionalização da preparação (treinamento) quanto da execução do exercício esportivo, imposto pela busca da maximização da eficácia específica (medida em “vitórias”, “títulos” ou “records”), busca que é, ele mesma, já vimos, correlativa ao desenvolvimento de uma indústria – privada ou pública – do espetáculo esportivo. Temos aqui um caso de encontro entre a oferta, isto é, a forma particular que reveste a prática e o consumo esportivos propostos a um dado momento do tempo, e a demanda, isto é, as expectativas, os interesses e os valores praticantes potenciais, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajustamento permanente entre um e outro. É óbvio que cada momento, cada recém-chegado deve contar com um estado determinado das práticas e consumos esportivos e de sua distribuição entre as classes, estado que não lhe compete modificar e que é o resultado de toda a história anterior da concorrência entre os agentes e as instituições engajadas no “campo esportivo”. Mas se é verdade que, neste caso como em outros, o campo de produção contribui para produzir a necessidade de seus próprios produtos, resta o fato de que não se pode compreender a lógica através da qual os agentes adotam uma ou outra prática esportiva, uma ou outra maneira de realizá-la, sem levar em conta as disposições em relação ao esporte, que, sendo elas próprias uma dimensão de uma relação particular com o próprio corpo, se inscrevem na unidade do sistema de disposições, o *habitus*, que está na origem dos estilos de vida. (BORDIEU, 1983, p. 147-148).

Partindo, pois, do ponto de vista do *habitus*, ou seja, do estilo de vida, é importante destacar as variedades de significações e das funções sociais que classes diferenciadas dão ao esporte. Na visão proposta por Bourdieu (1983), práticas diferenciadas, em cada classe, apresentam diferentes percepções e apreciação dos lucros proporcionados, tanto de maneira imediata quanto na perspectiva futura. Tais variações estão relacionadas às variáveis que possibilitam ou impossibilitam ostentar os custos econômicos e/ou culturais.

Um fator relevante relaciona-se aos esportes que demandam somente qualidades físi-

cas e aptidões corporais podendo ser acessíveis em razão do tempo, sobretudo, da energia física. Como a viabilidade da prática de tais esportes tem crescido em virtude, principalmente, da hierarquia social, o descaso das classes mais elevadas a algumas práticas individuais e coletivas, basicamente populares, é compreendida, muitas vezes, com uma forma de alheamento de práticas pouco distintas.

CONCLUSÃO

Objetivando discutir sobre a abordagem das especificidades constitutivas, além das possibilidades inter-relacionais sobre o esporte, sobretudo, das concepções de Bourdieu, foi possível concluir que a trajetória do esporte é acompanhada de transformações da função conferida à prática e de alterações que sejam pertinentes às reivindicações e expectativas dos consumidores dos espetáculos esportivos.

Pode-se dizer que a leitura de contextos tão diferenciados, como o relativo à invenção e o das organizações esportivas de massa, resultou em reinterpretções de significados, especialmente, o da ascensão social propiciada pelo esporte, que originalmente foi entendido como uma categoria de pertencimento de classe. Todavia, no cenário hodierno tem sido entendido como uma possibilidade de acesso ao profissionalismo.

Deste modo, na visão do estilo de vida, entendida por Bourdieu como *habitus*, observa-se as modificações dos significados e das funções sociais que classes diferenciadas oferecem ao esporte uma vez que, com base nesse entendimento, tem-se que as práticas distintas, em cada classe, denotam alterações na percepção e julgamento dos lucros imediatos e futuros advindos. Tais alterações estão relacionadas não somente às variações dos fatores que viabilizam ou impossibilitam ostentar seus custos econômicos e/ou culturais, criando-se, nessa perspectiva, um contíguo de propriedades dos esportes populares, ou seja, um contíguo de valores considerados inadequados às práticas particulares.

Portanto, em resumo, a lógica propiciada pelo tipo de analogia com o corpo que a prática oferece ou determina, admite refletir sobre o Esporte a partir de uma concepção moderna que, diga-se de passagem, é o norte definido por Bourdieu em seus registros, ao retratar um percurso metodológico profícuo, embora exija

atenção, mormente, ao considerar o seu modelo sociológico de reflexão.

REFERÊNCIAS

BENTO, J. O. Em defesa do desporto. In: BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M. **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almedina, 2007.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, M. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar. **Motriz**, São Paulo, v. 7, n. 2 p. 125-129, jul./dez. 2001.

BETTI, M. O papel da sociologia do esporte na retomada da Educação Física. In: CONGRESSO DECIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA, 11., **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 20, p.191-93, set. 2006.

BOURDIEU, P. **A produção da crença, contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004.

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) **Escritos de educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.

CHARTIER, R.; LOPES, J. S. L. **Pierre Bourdieu e a história**. Rio de Janeiro, p. 139-182, 2002. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi4a5.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2009.

EICHBERG, H. Problems and future research in sports sociology: a revolution of body culture? **International Review for Sociology of Sport**,

v. 30, p. 1-19, 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário de língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GAYA, A.; TORRES, L. A cultura corporal do movimento humano e o esporte educacional. In: OLIVEIRA, A. A. B. de; PERIM, G. L. **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008.

GENOVEZ, P. F. O Desafio de Clio: o esporte como objeto de estudo da história. **Lecturas: Educacion Física y Deportes**, Buenos Aires, a. 2, n. 9, p. 1-77, 1998.

GUEDES, D. P. **Exercício físico na promoção da saúde**. Londrina: Mediograf, 1995.

MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARCHI JUNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Unijuí, 2004.

RIAL, C. S. M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (Org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

SANTIN, S. **Educação física no terceiro grau: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.

STEINER, G.; FOUCAULT, M. Esporte e educação física. In: VARGAS, A. **Esportes e realidade: conflitos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

VANOYEKE, V. **La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité**. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

LA VISIÓN SOCIOLÓGICA DE PIERRE BOURDIEU SOBRE EL DEPORTE

RESUMEN: Considerando la diversidad teórica que involucra la temática relativa al deporte, este artículo busca estudiar la perspectiva sociológica del deporte de Bourdieu. Para tanto, se optó por una pesquisa bibliográfica por intermedio de la lectura, análisis y notas de libros, periódicos y base de datos relacionados al asunto en pauta. Se concluyó que la lectura de contextos tan diferenciados, como el relativo a la invención y organizaciones deportivas de masa, resultó en reinterpretaciones de significados, especialmente, el de la ascensión social propiciada por el deporte, que originalmente se entendió como una categoría de pertenecía de clase. En la visión del estilo de vida, entendida por Bourdieu como *habitus*, se observa las modificaciones de los significados y de las funciones sociales que clases diferenciadas ofrecen al deporte, una vez que con base en ese entendimiento, se tiene que las prácticas distintas, en cada clase, denotan alteraciones en la percepción y lucros inmediatos futuros. Tales alteraciones están relacionadas no solamente a las variaciones de los factores que viabilizan o imposibilitan ostentar sus costos económicos y/o culturales, creándose en esa perspectiva, un contiguo de propiedades de los deportes populares, o sea, valores considerados inadecuados a las prácticas particulares. En resumen, la lógica propiciada por el tipo de analogía con el cuerpo que la práctica ofrece o determina, admite reflejar sobre el Deporte a partir de una concepción moderna que, de pasaje, es el norte definido por Bourdieu en sus registros, al retratar un recorrido metodológico proficuo, aunque exija atención al considerar su modelo sociológico de reflexión.

PALABRAS CLAVE: Deporte; Visión Sociológica; Bourdieu.